

## Introdução

Um dia há muito tempo, dei com a fotografia do último irmão de Napoleão, Jerônimo (1852). Eu me disse então, com um espanto que jamais pude reduzir: “vejo os olhos que viram o imperador.” Vez ou outra eu falava desse espanto, mas como ninguém parecia compartilhá-lo, nem mesmo compreendê-lo (a vida é, assim, feita a golpes de pequenas solidões), eu o esqueci. (BARTHES, *A Câmara clara*, p. 1)

Quero começar com Barthes. Com este trecho que abre a “Câmara Clara”, porque ele é (para mim) uma das coisas mais bonitas que já escreveram sobre fotografia e também uma das coisas mais tristes escritas sobre a vida. E o que faz dele assim: Belo é triste?

Talvez o fato de ser escrevível<sup>1</sup>, de trazer em si, (inseparáveis como as duas faces de uma mesma moeda) a escritura e a potência de sua reescritura, e, talvez ainda, por acionar o pressentimento de que se possa reescrevê-lo muitas vezes durante uma vida: Um dia, não há muito tempo, dei com uma série de fotografias de pessoas desconhecidas. Eu me disse então, com um espanto que jamais pude reduzir: Vejo esses olhos e jamais saberei o que esses olhos viram. Vez ou outra eu falava desse espanto, mas como ninguém parecia compartilhá-lo, nem mesmo compreendê-lo (a vida é, assim, feita a golpes de pequenas solidões) eu esqueci.

“A câmara clara” pode ser lido como uma argumentação contra o esquecimento (do espanto). Ou antes, uma atualização do espanto, um mecanismo contra a solidão (seus golpes). Talvez todo livro seja isso: Vontade de partilha. Essa dissertação (na esteira de Barthes) é um desejo de lembrar. Desejo de não estar só. Começou a ser escrita (no pensamento) no ano de 2009, diante das fotografias da artista plástica Caroline Valansi, então expostas no Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Rio de Janeiro<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Silviano Santiago em “Uma literatura nos trópicos” cita Roland Barthes em seu “S/Z uma análise da novela *Sarrasine* de Honoré de Balzac”, quando este cria uma distinção entre textos legíveis e textos escrevíveis. Esses últimos, segundo Silviano, são textos que contêm uma espécie de abertura, que acionam uma vontade de rasura, de escritura. “que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é meu?”

<sup>2</sup> Lembro que naquele dia eu não queria sair de casa, mas houve a insistência de uma amiga. Amiga importante demais, e que já estava há muito tempo longe demais, pra que eu conseguisse dizer não no instante de seu reaparecimento. Disse sim. E é incrível pensar agora nas possibilidades que um simples sim constrói. Visto que este, especificamente, me colocou diante do meu objeto de pesquisa.

Não. Essa dissertação começou a se escrever um pouco antes, porque “tudo a nossa volta escreve...”<sup>3</sup> Talvez em um seminário especial intitulado “Arte e Melancolia” no Instituto de Artes da UERJ, ministrado por Leila Danziger. Neste curso me deparei (golpe) pela primeira vez com os trabalhos de Rosangela Rennó e tomei conhecimento (golpe) de que Leila além de professora da disciplina era também artista e, como Rennó, fazia do binômio memória/esquecimento matéria-prima para sua poética.

Como trabalho final para a disciplina, escrevi um texto que colocava em estado de conversa a instalação “Bibliotheca” de Rosangela Rennó, “Luto e melancolia” de Freud, alguns textos que integram o livro “Sobre a Fotografia” de Susan Sontag e a “Câmara Clara” de Barthes. De alguma maneira, aquele texto já trazia - de forma embrionária - questões que reaparecerão aqui um pouco mais desenvolvidas. É preciso admitir, no entanto, que não se pode precisar exatamente quando se começa a escrever um texto, pois quando ele começa a criar corpo (um corpo de palavras), é que a vida, de alguma forma, já domesticou, arrumou, organizou o vivido... E só dentro dessa ordem (mesmo que mínima e muitas vezes caótica) é que se pode escrever.

Não sou escritora, no fundo eu gostaria de ser, mas tenho dificuldade em organizar o pensamento, colocá-lo em sequência por palavras... Uma após a outra. Há um ritmo interno, que as palavras não obedecem. Um fluxo de ideias que não se submete às frases. Uma pontuação interna que nenhum sinal gráfico exprime. Há um tempo. Uma pausa. Uma sensação de suspensão que o texto escrito nos obriga a suprimir. Não se pode criar buracos no texto! Aliás, é preciso disfarçá-los. Recheá-los com letras, frases, parágrafos.

O escritor respira

O leitor respira

O mundo respira

---

<sup>3</sup> À nossa volta tudo escreve, é isso que se deve perceber, tudo escreve, a mosca, ela também escreve, sobre as paredes, ela escreveu bastante na luz da grande sala, refratada pelo tanque. A escrita da mosca era capaz de sustentar uma página inteira. Então já é uma escrita. A partir do momento em que poderia ser uma escrita, já é uma escrita. Um dia talvez, no correr dos séculos futuros, alguém lerá essa escrita, ela também estará decifrada e traduzida. E a imensidão de um poema legível se desdobrará pelo céu. ( DURAS. p 41).

O texto não

O texto tem verdadeiro *Horror Vacui*<sup>4</sup>.

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada...

Eu não queria ter de entrar nessa ordem arriscada do discurso: não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência clara, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz. (FOUCAULT, 2010,p.6-7)

Na verdade, eu não queria escrever. Queria como Foucault, não ter de começar. Queria simplesmente fazer um inventário de imagens (lembro do projeto Warburg<sup>5</sup>), colocá-las lado a lado... Deixar que elas falem, comuniquem-se, briguem, façam as pazes... Eu não me intrometeria, não seria um juiz, jamais aumentaria o tom da minha voz. Seria apenas um *voyeur* que escolheu o que ver... Que é feliz com o que vê, e que convida quem mais deseje a alegria, a festa da visão.

Queria também não ter que me aprofundar em nada, queria o raso... Água nas canelas. Ficar à margem, sentindo o prazer das beiras, do quase lá... Do ainda não. Queria fazer uma dissertação com pedaços, esburacada, oca, onde o vento pudesse soprar produzindo um assovio como a respiração dos recém-nascidos.

Isso!

Eu quero um texto que respira.

Os textos de Clarice respiram, os de Duras respiram.

Respiram também os de Hilda Hilst,

os de Raduan Nasar

---

<sup>4</sup> Literalmente: medo de espaços vazios, também conhecido como cenofobia, é o preenchimento de toda superfície de um trabalho artístico com detalhes. O termo é associado ao crítico e estudioso italiano Mario Praz que o utiliza para descrever a atmosfera sufocante do design interior na idade Vitoriana.

<sup>5</sup> Refiro-me ao *Bilderatlas Mnemosyne* (Atlas de Imagens Mnemosine). Inacabada obra de Aby Warburg, que consistia num conjunto de 63 painéis (compostos entre 1924 e 1929), nos quais agrupou quase mil imagens, desenhos, pinturas, e páginas de livros de épocas diferentes, (desobedecendo o rigor cronológico) criando constelações de imagens, dados, sentidos. Segundo ele, seu atlas era: “uma máquina para pensar as imagens, um artefato para fazer saltar correspondências, para evocar analogias.” Que estabelece relações entre as imagens.

Há toda uma poesia do sopro...

Pessoa.

Manoel de Barros

Ericson Pires

(Não. A poesia de Ericson grita, mas não sem antes respirar. Soprar. Espalhar as coisas).

Que desorganiza a ordem

Desacostuma a forma de ver...

Cria campos de visibilidade

Corta

Perfura

Produz vazios

Espaços

Mas não sou poeta,

Tenho que me a ver agora como uma ordem  
que nunca soube produzir

Com a disciplina que a academia exige  
e que nunca tive.

Com o texto

que sempre me fez

hesitante

e

silenciosa

Resta-me

talvez

Forjar poesia...

e

teoria.